

ANA VIEIRA

A liberdade dos muros

ISABEL NERY

Este é um daqueles textos que tem de começar com uma declaração de interesses: a artista plástica Ana Vieira era minha tia, tendo sido casada com o irmão do meu pai, Eduardo Nery, pintor.

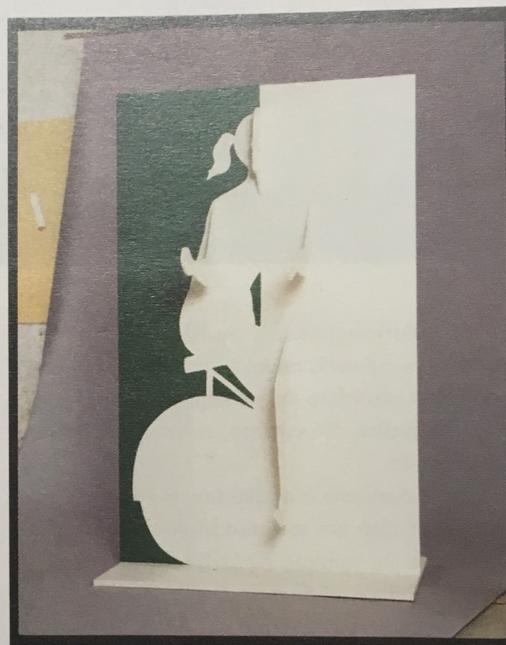
Cresci, portanto, com as silhuetas recortadas em madeira, a quase obsessão da casa como centro de tudo, a possibilidade de ver transformar pedaços de tecido ou de azulejo em peças de arte.

Ao contrário do que acontece a quem visita um museu, eu podia tocar, questionar a autora sobre os porquês, encaixar cada nova criação num momento biográfico corriqueiro que, possivelmente, nada tinha a ver com as intenções da artista, mas que me ajudava, a mim, a dar um sentido ao que via — ou ao que não via, já que esse (o implícito, o imaginado, o não dito) é o centro da obra de Ana Vieira.

Claro que nada disto faz de mim uma entendida em arte. O que proponho com este texto é um casamento entre memórias, a análise dos peritos e algumas palavras deixadas por Ana Vieira.

Nascida em Coimbra, criada nos Açores e residente em Lisboa até à sua morte, em fevereiro de 2016, com 75 anos, Ana Vieira deixou uma obra intemporal. Aqui se procura ajudar a conhecer melhor essa inquietude que nos lega. Os muros que atravessou sem ser vista. A presença que fica mesmo sem estar.

Quando, em 2011, Ana Vieira inaugurava a sua mais completa exposição, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, eu tentava terminar o livro de reportagem *As prisioneiras — mães atrás das grades*, que publicaria em 2012. Tinha ouvido relatos perturbadores das mães e filhos que habitavam as celas dos estabelecimentos prisionais, entrevistara psicólogos, sociólogos e guardas. Cheguei mesmo a fazer reportagem numa prisão



«Sem título» (*Silhuetas*)
1968

ouvira da boca de mulheres e filhos a viver atrás das grades.

Ana Vieira era assim. Desconcertante. Obrigava a questionar. Tinha sempre outra perspectiva. Fazia-nos ver sem nunca apontar para onde olhar. Era assim a artista. E é assim a sua obra.

Dito pela própria, numa entrevista: «A dualidade é a mola que desencadeia energias. Não me parece que o meio-termo possa ter a mesma força».

O jornalista é treinado para a objetividade da verdade. Parece relativamente óbvio. Mais difícil é perceber que a verdade só existe quando nos dispomos a vê-la com esta dualidade, a contradição do ser humano, o vazio de que precisamos para preencher os espaços. Isso ensinou-me Ana Vieira. A autora. E a tia.

Ao contrário do que, por vezes, me acontece com outros artistas, com Ana Vieira tinha a sensação de compreender sempre as suas obras. Durante muito tempo pensei que tal se deveria às afinidades familiares e às cumplicidades (aparentemente efémeras) que partilhávamos. Hoje sei que é muito mais do que isso. As obras de Ana Vieira deixam sempre espaços vazios — a família que se ouve à mesa, mas não está lá; os mantos negros armados em corpos que não existem, mas sabemos que sim; o casal que só se vê a dançar se olharmos para o espelho.

Esse vazio é um convite, e cada um tem de escolher entre ter ou não ter a ousadia de o aceitar. Talvez fosse esta a sua forma de dessacralizar a arte, como várias vezes declarou pretender.

«A obra de Ana Vieira fala do que não vemos, do que julgamos ver, do que está lá mas não conseguimos ver, do que existe mas no fundo não existe porque nós não o vemos», resumiu Alexandra Prado Coelho, no jornal *Público*.

Mas aquilo que pode parecer uma ausência, é, pelo contrário, um preenchimento através da arte.



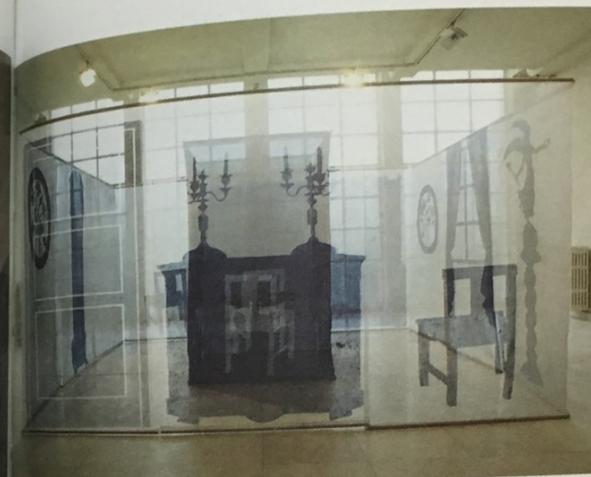
Ambiente
1972



Como sugere Jorge Silva Melo: «É insólito o lugar de Ana Vieira na arte portuguesa: trabalhando o rasto, a sombra, a passagem da luz, o reflexo, a sobreposição, a pegada, a memória ou a planificação do futuro, a sua arte raia o invisível. E questiona o lugar da arte».

Nos últimos anos, essa demanda levou Ana Vieira a um concreto pouco habitual no seu trajeto: a inquietação com a crise política e económica. «Geralmente funciono no campo da arte quando as imagens que me vão surgindo se tornam obsessivas». As dificuldades sentidas pelos portugueses e as dúvidas sobre o lugar da Europa no mundo tornaram-se a sua última *obsessão*: «Senti que era altura de atuar, desviando a minha atenção para a arte, através da minha última obsessão, a da crise», escreveu no texto de apresentação da exposição a que chamou, sugestivamente, «Inquietação».

Um texto sobre a artista plástica que, mais do que pinturas, usava madeiras, biombos, tecidos, móveis, espelhos e sons para criar as suas instalações, não estaria completo sem falarmos da casa. Podia ser a casa amarela, em fundo azul, várias vezes repetida, que me ofereceu como prenda de casamento. Mas essa é a memória da tia. Para a artista, a casa era, sobretudo, um meio.



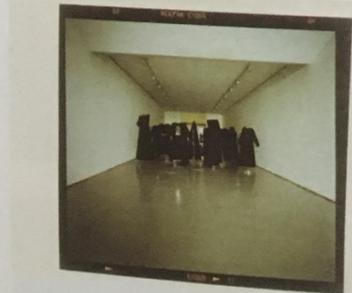
«Ambientes»
1971-1972



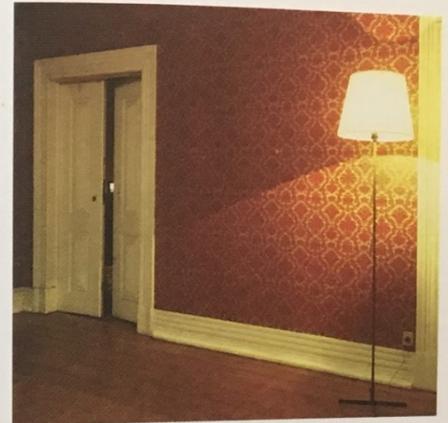
«Mesa Parisiana»
1973



«Caixas-objeto»
1974



«Pronomes»
2001



«Casa desabitada»
2004



*«A arte da fuga»
2010
Última obra de Ana Vieira*



«O desenho da menina a fugir do seu suporte»

Exposição «Anquietação»

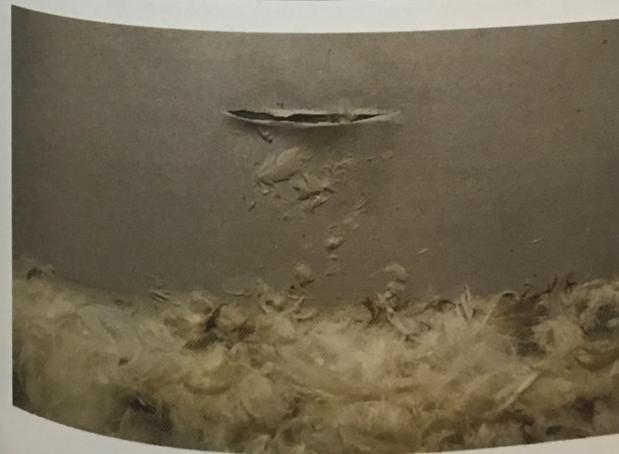
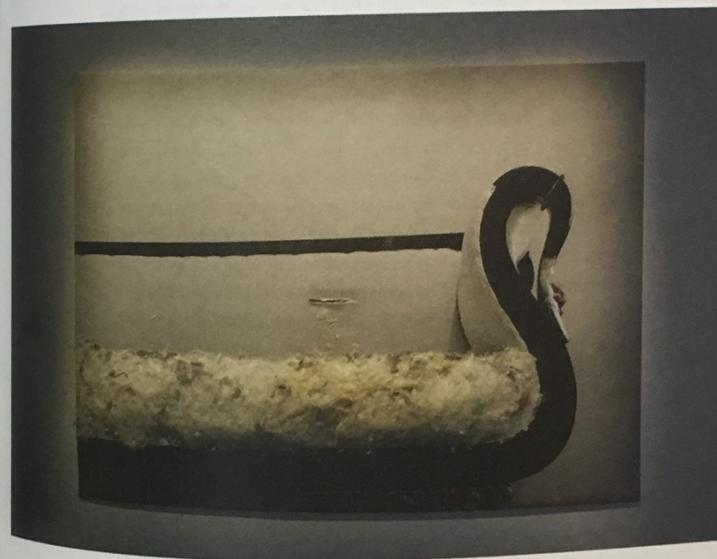
2014



*«Os móveis a afirmarem a sua presença»
Exposição «Inquietação»*



*«Os móveis a fugir ao seu designio»
Exposição «Inquietação»
2014*



A_